

DA LUTA PELA TERRA À LUTA NA TERRA: A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE ASSENTADOS PIONEIROS NO TERRITÓRIO DE ARARAQUARA (SP)

DE OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira*. - Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - UNIARA - Araraquara, Doutorando em Geografia - UNESP - Presidente Prudente/SP.
FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. - Coordenadora do PPG em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - UNIARA; DUVAL, Henrique Carmona. - Docente da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Lagoa do Sino, Buri; BARONE, Luis Antonio. - Docente da FCT/Unesp - Campus de Presidente Prudente/SP.

*Autor para correspondência e-mail: fer_henrique15@hotmail.com

Recebido em: 02/04/2018
Aprovação final em: 10/07/2018

RESUMO

O texto busca compreender as experiências de luta e de permanência na terra no município de Araraquara (SP) a partir do estudo das memórias de famílias pioneiras situadas em dois assentamentos. A pesquisa tem como foco os assentados que buscaram, no acesso à terra, uma possibilidade de mudança de vida. Os assentamentos Bela Vista do Chibarro e o Horto Bueno de Andrade constituem-se como o espaço empírico dessa pesquisa. A memória define-se como o eixo teórico e a história oral, materializada a partir das entrevistas, foi a estratégia metodológica usada. Foi possível reconstruir algumas narrativas sobre as trajetórias de vida desses assentados no contexto da reforma agrária em Araraquara (SP). Partimos da memória individual para acessar a memória dos grupos, explicitando as tensões e os bloqueios presentes na vida desses agricultores. Constatou-se que a luta pela terra se desdobra em múltiplas estratégias utilizadas no cotidiano dos assentamentos. Nós também podemos concluir que os agricultores, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, não voltariam atrás na decisão de lutar para viver em um assentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Pioneiros; Assentamentos; Reforma agrária.

FROM THE STRUGGLE FOR LAND TO THE FIGHT ON LAND: THE RECONSTRUCTION OF THE MEMORY OF PIONEER SETTLERS IN THE TERRITORY OF ARARAQUARA (SP)

ABSTRACT

In this text we seek to understand the experiences of struggle and permanence on the land in the municipality of Araraquara (SP – Brazil), based on the study of the memories of pioneer families located in two settlements of the land reform. The research focuses on the settlers who sought, in the access to land, a possibility of life change. The settlements Bela Vista do Chibarro and Horto Bueno de Andrade constitute the empirical space of this research. The memory is defined as the theoretical axis and the oral history, based on the interviews, was the methodological strategy used. It was possible to reconstruct some narratives about the life trajectories of these settlers in the context of the agrarian reform in Araraquara (SP). Therefore, our starting point was the individual memory to access the memory of the groups, detailing the tensions and blockages present in the life of these settlers. It was verified that the struggle for the land unfolds in multiple strategies used in the daily life of the settlements. We can also conclude that the farmers, even facing numerous difficulties, would not go back on the decision to fight to live on the land of a settlement.

KEYWORDS: Memory; Pioneers; Settlements; Land Reform.

Da luta pela terra à luta na terra: a reconstrução da memória de...

INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre as representações da luta pela terra e da permanência na terra na memória de famílias pioneiras assentadas no município de Araraquara (SP). Partimos da ideia de Mancuso (1998), que compreende a memória como um produto social construído a partir das relações sociais dadas. Para Bosi (2004), a memória é trabalho, no sentido de compreender a dimensão do passado a partir de estímulos do presente. O artigo em tela propõe-se a compreender as experiências de conflito e luta pela terra em Araraquara (SP) a partir da década de 1980, por meio da memória das famílias pioneiras assentadas nos projetos de assentamento Bela Vista do Chibarro e Horto Bueno de Andrade. Entende-se por pioneiros os primeiros grupos que entraram nos projetos de assentamentos, tanto pela via dos movimentos de luta pela terra, quanto pelo convite via Sindicato.

Realizamos entrevistas com os sujeitos que vivenciaram e protagonizaram toda essa experiência de construção de lutas e que vivem na terra desde o início dos assentamentos até os dias atuais. As memórias e as lembranças dessas famílias sobre os conflitos foram obtidas em entrevistas e histórias de vida, ambas estratégias metodológicas da História Oral, reconstruindo a memória sobre suas trajetórias e experiências. A questão agrária local, portanto, foi investigada por meio da abordagem de histórias de vida, visando analisar as narrativas sobre essas experiências por meio do resgate de lembranças da constituição e da manutenção nos assentamentos.

Este trabalho compreende as dimensões da memória na compreensão da luta pela terra em Araraquara (SP), nas quais as famílias assentadas desempenham um papel importantíssimo de guardiãs e transmissoras destas lembranças às gerações mais recentes. Acreditamos que os pioneiros, a partir de suas lembranças podem fornecer informações sobre suas trajetórias de vida, sobre as experiências de luta pela terra e no processo de constituição dos assentamentos.

Em relação à metodologia, nos pautamos em um estudo bibliográfico sobre o processo de luta pela

terra e a constituição dos assentamentos na região, articulado com a reconstrução de histórias de vida, visando compreender a memória dessas famílias em relação às suas trajetórias de vida e experiências em projetos de reforma agrária. Buscamos, também, analisar aspectos das histórias dos homens e das mulheres que estiveram em movimentos de luta pela terra, entraram na terra por meio da política de assentamentos e permanecem na terra até os dias atuais. A pesquisa bibliográfica tratou de aspectos relacionados à questão agrária brasileira, à política de assentamentos e reforma agrária, à formação dos assentamentos rurais no território de Araraquara/SP, além dos usos e das dimensões da memória.

O roteiro de entrevistas elaborado priorizou três momentos da trajetória de cada entrevistado. No primeiro tópico buscou-se compreender a origem, a trajetória e a composição familiar. O segundo tópico abordou questões relativas à luta pela terra, tais como participação em movimentos, estratégias de luta, participação em ocupações, marchas e acampamentos etc. No terceiro tópico, objetivou-se compreender as estratégias de luta na terra, a questão da permanência e os desafios da vida no assentamento.

Desse modo, nos propomos neste artigo discutir as distintas dimensões da luta pela terra e da luta na terra, antes e após a conquista do assentamento, por meio do processo de reconstrução da memória de sujeitos pioneiros dos assentamentos Bela Vista do Chibarro e Horto Bueno de Andrade em Araraquara/SP.

OS USOS E AS DIMENSÕES DA MEMÓRIA

Uma bibliografia já clássica discute há muito o tema da memória na pesquisa social. Sarabia (1985), Queiroz (1988), Bosi (1994) Ferrarotti (2007) e destacam a importância do uso científico de memórias, biografias, autobiografias e histórias de vida como instrumentos de análise social. A memória, entendida como o trabalho de relembrar um passado vivido, foi o principal recurso utilizado para compreender a história de luta pela terra dessas famílias. Partimos da ideia da memória como

um fenômeno social que se explica por meio dos “quadros sociais da memória”, entendidos como referências ligadas às pessoas, objetos, espaço e tempo (FARIAS, 2006).

Os objetos, o tempo e o espaço são componentes que marcam a memória, diferenciando a maneira de lembrar. Diante disso, cada pessoa e cada grupo traz, em suas memórias, fatos gravados de formas diferentes, tendo em vista a importância que imprimiram às suas vidas (FARIAS, 2006, p.44).

De acordo com a autora, a História Oral é uma técnica entendida como a convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo. Por meio desse recurso se torna possível identificar se há marcas de expropriação, exploração e submissão nas falas das famílias assentadas, além de entender qual é a percepção da terra no horizonte de suas vidas.

A partir da História Oral, buscamos reconstruir as histórias de luta pela terra, por meio da memória das famílias pioneiras, sobre o momento de luta e as nuances da vida no assentamento. Silva (2004) define História Oral como uma metodologia de pesquisa empregada por historiadores, sociólogos, antropólogos, profissionais da área da saúde, da psicologia e da literatura. No Brasil, a história oral desenvolveu-se bastante a partir da década de 1990. A principal preocupação é o registro da história daqueles que não têm voz, ou seja, dos pobres, oprimidos e excluídos da história oficial.

Desse modo, acreditamos que a memória é uma fonte que possibilita a compreensão das histórias de luta pela terra. A memória pode ser formadora de identidade de um grupo (FARIAS, 2006). Ela se apoia em depoimentos e relatos das experiências de outros, tratando-se de um passado vivido. Segundo Farias (2006, p. 42), existem dois tipos de memória:

A memória é individual, considerada a maneira de articulação das lembranças e envolve toda uma trajetória de vida: a forma de lembrar é própria de cada homem e de cada mulher, a linguagem é única, as expressões são mágicas e diferenciadas. Mas ninguém está só; o

vivido e as experiências são adquiridas coletivamente, pois os caminhos cruzam-se e as memórias estão entrelaçadas com o próprio grupo. Esse entrelaçamento possibilita o fortalecimento do contato entre as pessoas do grupo, que passam a testemunhar e a compartilhar dos mesmos pontos de vista que a memória faz ressurgir nos depoimentos. Ocorre uma identificação grupal (grifo nosso).

Portanto, a memória é a história viva dos indivíduos e dos grupos. Por meio desses testemunhos, os homens e as mulheres interpretam suas experiências e refletem sobre si mesmos, buscando a construção de uma identidade, perdida no subterrâneo de uma história marcada pelo sofrimento (FARIAS, 2006).

A memória possui múltiplas dimensões, podendo ser exteriorizada por meio das emoções, dos gestos e até mesmo pelo silêncio. Há que se considerar mesmo o não dito. O silêncio pode ser um indicador de resistência da memória das histórias de vida das famílias. Pois, “o silêncio não pode ser considerado como esquecimento, ele é o próprio componente da memória que, através do trabalho de lembrar, possibilita a sobrevivência do grupo” (FARIAS, 2006, p. 41).

A memória traz sentimentos nostálgicos, de lugares e pessoas que marcaram a trajetória de vida dos indivíduos. Sobre a importância do processo de luta pela terra Silva (2004, p. 80) escreve que

A dramaticidade desse momento é carregada de simbolismo, pois ele representa a mudança de trajeto, a ruptura da condição social de desempregados, subempregados, explorados, enfim, de sobrantes. Contudo, além das incertezas, há muitas indefinições, como os enfrentamentos com a ordem instituída e o medo. Esse é o momento do início da luta pela inclusão social, no qual a terra aparece não somente como o elemento mediador para que o projeto ocorra, mas também como uma espécie de retorno,

de reencontro com algo que, até então, parecia totalmente perdido.

Assim, o passado não faz parte de um “tempo acabado”, porém é “constantemente reavivado pelas lembranças” (SILVA, 2004, p. 46). Portanto, baseando-se nos estudos de Silva (2004) e Farias (2006), realizados especificamente com assentados da reforma agrária, buscamos identificar “pontos brilhantes que iluminam o conjunto da narrativa, imprimindo-lhe forma e significados” (SILVA, 2004, p. 47).

O trabalho justifica-se pela necessidade de entender a complexidade de trajetórias de homens e mulheres que decidiram participar do movimento social de luta pela terra. A luta por esses direitos é parte da luta pela posse de terra e também pela inclusão social. Lutar pela terra significa lutar por direitos relacionados à saúde, educação, alimentação, cidadania e inclusão social.

Desse modo, compreendemos que as dimensões da memória podem contribuir no processo de reconstrução das experiências vivenciadas por homens e mulheres que lutaram e ainda lutam por terra, dignidade e cidadania em Araraquara (SP). Partimos da memória individual para acessar a memória familiar e do grupo. A análise voltou-se para os processos de luta pela terra, constituição e permanência nos assentamentos Bela Vista do Chibarro e Horto Bueno de Andrade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: APRESENTANDO AS NARRATIVAS

Nesse tópico apresentamos o conteúdo empírico da pesquisa. Nele tratamos e debatemos os dados produzidos a partir das entrevistas feitas com as assentadas e os assentados. Também nos dedicamos a apresentar as trajetórias e as histórias de vida de sujeitos que se aventuraram no universo das lutas por terra, território e reforma agrária no campo brasileiro. Buscamos explicitar as dimensões da luta pela terra e na terra no cotidiano dessas famílias. O conteúdo das entrevistas mostra que, apesar de todo o sofrimento e das múltiplas dificuldades

encontradas ao longo do caminho, a luta pela terra e a conquista do assentamento revelam que a reforma agrária ainda é um projeto de vida relevante e necessário para as famílias que se arriscam nessa travessia.

Analisamos, aqui, cinco entrevistas com membros de famílias pioneiras dos assentamentos escolhidos (duas entrevistas no Horto Bueno de Andrade e três entrevistas no Bela Vista do Chibarro). A partir da transcrição do material obtido, observamos que existem pontos em comum nas trajetórias de vida dos entrevistados. Ambos nasceram e cresceram em áreas rurais (fazendas), migraram por vários lugares, moraram por um tempo na cidade e viram no movimento de luta pela terra uma possibilidade de melhorar suas condições de vida. Em relação ao perfil, entrevistamos duas mulheres e três homens, com idades entre 60 e 73 anos. As trajetórias dos participantes da pesquisa são diferenciadas, duas pessoas nasceram no Estado de São Paulo, uma em Minas Gerais, uma em Pernambuco e uma outra na Bahia.

No assentamento Horto Bueno de Andrade, composto por 31 famílias, entrevistamos dois senhores que foram pioneiros e lideranças dentro do grupo, Seu Antonio e Seu João. Ambos participaram de experiências de acampamentos, ocupações e marchas. Apoiados pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araraquara conseguiram articular um grupo de famílias para lutar pelas terras no Horto, pertencentes à CODASP (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo) na época.

No Bela Vista do Chibarro, composto por 218 famílias atualmente, entrevistamos pessoas de dois grupos distintos que acabaram constituindo o assentamento, Dona Zulmira e Seu João (Grupo de Promissão/SP) e Dona Maria (Grupo de Sete Barras/SP). Nos cinco casos percebemos a importância da luta pela terra e da reforma agrária como dimensões importantes na vida dessas famílias. Desses entrevistados, todos passaram pela experiência do acampamento e/ou entraram na terra a partir de alguma luta coletiva.

A partir dos dados produzidos, também pudemos

verificar a importância que as famílias dão às organizações de luta pela terra - tanto o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araraquara quanto o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), sendo entendidos aqui como mediadores desse processo.

SR. ANTONIO ISAÍAS – HORTO BUENO DE ANDRADE: DA USINA PARA O ACAMPAMENTO

O primeiro informante da pesquisa foi o Sr. Antonio Isaías, 58 anos, casado com Dona Rosângela (53 anos). Nascido e criado numa fazenda de Araraquara, Sr. Antonio viveu durante oito anos na área urbana da cidade, trabalhava na época como motorista de caminhão na Usina Zanin, usina sucroalcooleira situada no município de Araraquara. Seu Antonio participou do processo de luta pela terra na região durante a década de 1990. Ocupou uma das áreas do Assentamento Monte Alegre (já existente na região) e do Horto de Bueno de Andrade, permanecendo acampado durante o período de um ano, sendo dois meses no Monte Alegre e oito meses no Horto.

Sr. Antonio foi uma das lideranças do acampamento no Horto. Era um dos responsáveis pelo controle da lista de pontos assinada diariamente pelos acampados e pela organização das reuniões e assembleias. Ao ser perguntado sobre o período de acampamento, ele respondeu:

Isso foi em 96 para 97. Só não sei a data certa, acho que foi em agosto, minha mulher que sabe a data certinho. Aí, me ocuparam como representante líder né! Ali tinha o caderno de ponto para marcar quem estava acampado e quem não estava. Tinha que assinar todo dia cedo. O representante naquela época, que era o líder, ele não podia trabalhar, nem ele e nem a esposa para manter no barraco, aí eu tinha um gado e fui vendendo, já que ninguém trabalhava, fui vendendo para ir comendo. Fiquei um ano, um ano assim (Sr. Antonio, 58 anos, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade)

Pudemos perceber que havia uma organização social no acampamento na época. Conforme relatado por Seu Antonio, os acampados faziam reuniões e assembleias quase que diariamente para discutirem sobre as estratégias da luta. O controle de famílias acampadas era feito por meio de uma lista que passava todas as manhãs. Silva (2004 p. 80.) entende que, no acampamento, o espaço físico vai transformando-se paulatinamente em espaço social. A autora mostra que a ida para o acampamento representa um momento de dramaticidade, carregada de simbolismo, pois “ele representa a mudança de trajeto, a ruptura da condição social de desempregado, subempregados, explorados, enfim, de sobranes”

A ida para o acampamento não foi uma decisão simples, pois o medo, os conflitos, os diversos enfrentamentos contra a ordem e a indefinição de futuro marcam esse momento decisivo. Ao ser questionado sobre como tomou a decisão de entrar no movimento de luta pela terra, relatou:

A minha esposa na época, ela não queria vir né! Ela falou que não viria. Aí, ela veio no acampamento e não gostou, dava muita briga e discussão, porque ela queria que eu voltasse para lá, e aí vim para aqui e não voltei. Aí, depois de dois meses trouxeram eu para cá, aí eu tinha um caminhão velho, fui lá e carreguei a mudança toda lá para o acampamento, aí trouxe a família, trouxe o gado, soltei as vacas que eu tinha tudo nessa fazenda aqui, de noite recolhia elas, porque era tudo aberto aqui (Seu Antonio, 58 anos, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade).

No acampamento, houve diversos momentos de enfrentamentos contra o poder local e a polícia, com várias tentativas de reintegração de posse. Silva (2004, p. 92) ressalta que “a grande ameaça à vida

no acampamento é a ação de despejo, decidida pelo Poder Judiciário e executada pelas forças policiais”.

A história assim [...], não é tão ruim, porque “os policiais” na verdade, eles não chegavam assim, desacatando a gente. Eles chegavam e pediam para a gente se retirar, se não ia vir e fazer as coisas a força né! Aí, a gente falava que se quisesse fazer podia fazer, porque a gente não ia sair daqui. Porque as terras não eram de fazendas, a terra era do Estado e o Estado não tem terra, não cuida. O cara que está cuidando aqui, o Estado não via nenhum centavo do eucalipto que saía daqui, não via mesmo, era tudo carreta de eucalipto sem nota, tudo parado. Se você visse não tinha nenhuma nota das carretas de eucalipto. Então, quer dizer, a terra podia ser de qualquer um. Então, nós vamos ocupar ela, não vai sair e não saímos (Sr. Antonio, 58 anos, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade).

Portanto, o acampamento representa um momento de passagem, “algo temporário, pleno de durezas, para as quais foram alertados” (SILVA, 2004, p. 92). Ao mesmo tempo que se torna espaço de dificuldades e de resistência, no acampamento inicia-se a transformação territorial que irá culminar no local de moradia e trabalho das famílias, conforme expresso nas memórias do assentado.

SR. JOÃO MARQUES – HORTO BUENO DE ANDRADE : A PRESENÇA DO SINDICATO

O segundo informante foi o Sr. João Marques, 60 anos, também conhecido como João “Barba”. É casado, natural de Frutal – MG e pai de um filho de 30 anos. Conheceu Dona Terezinha (esposa), 59 anos, natural de Cuiabá – MT, numa de suas andanças pelo Brasil.

Sr. João entrou no movimento de luta pela terra em 1995, quando foi convidado por membros da FERAESP (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo) a auxiliar no levantamento de famílias que tinham interesse em

participar da luta na região.

Sr. João foi uma das lideranças dos acampamentos no Assentamento Monte Alegre e no Horto Bueno de Andrade, auxiliando o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araraquara a buscar pessoas para compor o movimento de luta pela terra. Também foi representante das famílias acampadas, atuou na mediação das informações com a imprensa local e nos processos de negociação com a polícia. Sr João ficou acampado durante 1 ano, sendo 2 meses no Monte Alegre e 10 meses no Horto.

O desemprego, a instabilidade financeira e a busca por um pedaço de terra foram os principais motivos que levaram-no a entrar no processo de luta pela terra ocorrido em Araraquara (SP) durante a década de 1990.

O motivo era assim [...], que eu queria um pedacinho de terra para mim, onde eu morava o homem era muito bom, não nego isso. Só que a casinha que eu morava era dois cômodos e eu não podia fazer nada porque não era meu né! Então, morar naquela casinha era ruim, então eu falei, agora eu quero um pedaço de terra para fazer uma casa melhor para os meus filhos, igual a que tem ali, cada um com sua casa. E dizer que a terra era minha, mas não era minha ainda, mas não sei se um dia vai ser, mas, tirar de mim ninguém tira, porque de mim passa para o filho o documento que a gente tem, do filho passa para o neto, enquanto é a procedência aqui da família nós vamos tocando (Sr. Antonio, 53 anos, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade).

O acampamento é retratado como um espaço e tempo de passagem para a conquista da terra, do lugar de moradia e sobrevivência.

[...] naquele tempo fizeram umas 5 ruas de barraco muito comprida você não sabia com quem você estava mexendo, tinha gente de todo lugar. Tinha uma lista, era uma lista de chamada, uma

lista de presença, todo dia a pessoa tinha que assinar aquela lista porque aqueles que queriam terra você sabia que eles estavam ali. Fizeram igreja lá dentro, fizeram algumas coisas que deu para viver ali, apareceu até umas que tinha estudo a mais e dava umas aulinhas para as crianças (Sr. João Marques, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade).

Questionado sobre a importância da luta pela terra e reforma agrária em sua vida, Seu João respondeu que: “A luta pela terra foi por vontade, porque a gente sempre morou no que é dos outros, trabalhando para os outros. Aí, um dia eu queria ter minha terra para viver a minha vida. Aí, foi onde eu entrei nesse movimento e consegui esse pedaço de terra” (Sr. João Marques, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade). A convivência de diferentes pessoas no acampamento, que passavam pela mesma situação de vida e luta pela terra favoreceu uma construção identitária. Informações sobre como esta nova sociabilidade foi construída foram expressas no depoimento sobre a realização de atividades religiosas e de formação antes mesmo do assentamento ser implementado.

Depois de assentadas, as famílias continuaram enfrentando inúmeras dificuldades para permanecerem na terra. Nesse sentido, o assentamento representa um espaço de continuidade da luta pela terra. Em um dos trechos da entrevista observamos sinais dessa luta para permanecerem na terra, pois, de acordo com os entrevistados, foi uma verdadeira briga para se manterem nos lotes. Um exemplo disso é a questão da energia elétrica, como relatado pelo Seu João,

[...] a gente morou aqui, ficamos sem força aqui, acho que uns 3 anos. 3 anos sem energia, só morando num barraquinho lá embaixo. A briga da força foi muito difícil para chegar demorou muito tempo, nós tivemos que pagar tudo essa força que passa aqui, teve que pagar ela para vir, porque a luz da terra não é luz para todos. Foi um momento

muito difícil (Sr. João Marques, 08/05/17, Assentamento Horto Bueno de Andrade).

Conforme apontado por Silva (2004), no assentamento um novo modo de vida vai se produzindo e se constituindo, definindo-se como uma luta pela construção do lugar. Desse modo, vemos que a luta pela terra não termina com a entrada no lote, é uma luta contínua por cidadania e dignidade. As múltiplas estratégias adotadas pelas famílias assentadas revelam a peleja para se manterem na terra.

DONA ZULMIRA – BELA VISTA DO CHIBARRO (GRUPO DE PROMISSÃO/SP): A LIDERANÇA DAS MULHERES

Dona Zulmira, 63 anos, natural de Aguai/SP, está assentada no Bela Vista há quase 30 anos. Filha de agricultores, nasceu e foi criada em áreas rurais e sempre almejou morar e viver na terra. Após ter se casado aos 22 anos, ela e o esposo trabalharam por uns 10 anos como arrendatários e meeiros em alguns sítios do estado de São Paulo. A primeira vez que ouviu falar sobre a reforma agrária foi no programa “A Voz do Brasil”. Achou interessante a ideia e resolveram escrever uma carta para o governo, perguntando como funcionava e se poderiam ser beneficiários dessa política. No entanto, obtiveram um retorno do governo dizendo que não seria possível contemplá-los na época.

Antes de se aventurarem nessa luta, moravam em um sítio de 3 alqueires, arrendado, onde plantavam berinjela, feijão, abóbora e milho. Morava em Aguai antes de entrar nesse movimento. Soube da luta através de um vizinho que acamparia em Sumaré. Foi arrendatária durante muito tempo, passou por vários lugares antes de chegar no assentamento.

Aí, aconteceu tudo por acaso, né. Numa tarde no mês de novembro, outubro, tinha uns vizinhos nossos que estavam participando do grupo em Sumaré pelo MST e nesse dia a tarde não tinha motorista, aí o vizinho passou lá em casa, ele chama Trancolino (risos),

pegou e chamou nós, né. Chamou meu marido para levar eles de carro, porque o sobrinho dele naquele dia não podia ir. Aí ele falou para o meu marido: - “É um negócio bom para o senhor isso, o senhor pode acampar, já que gosta de terra, né”. Aí, ele foi. Ele até me perguntou, se quiser arriscar nós vamos. Aí, disse para ele ir. Ele saiu era umas 3 horas da tarde, nós estávamos colhendo berinjela. Essa minha menina tinha 4 aninhos, a Célia. Aí falei para ele: - “Vai moço! Quem sabe se der certo, nós estamos indo também. Se for para melhorar de vida nós temos que arriscar enquanto é novo, porque depois de velho não adianta correr atrás (Dona Zulmira, 13/11/2017, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Após sair de Aguai, Dona Zulmira permaneceu por três anos acampada no entorno da rodovia BR 153 em Sumaré. Na época, participou de reuniões, ocupações e marchas organizadas pelo MST, sempre em prol da luta pela terra e pela reforma agrária. Chegou a participar de 32 reuniões de negociação antes de entrar no assentamento.

Foi em 87 [que ela chegou na ocupação] e em março de (...), 15 de março de 1990 eu entrei aqui. Foi mais de 3 anos, né. E, chegamos num dia e no outro eu já estava batendo nas portas da prefeitura reivindicando coisas para a gente. Sempre participei da luta, não desisti. Nós passamos certa dificuldade na beira da pista, mas, nos alimentávamos de arrecadação, nos alimentávamos de cesta básica e o resto das coisas fomos conquistando aos pouquinhos, né (Dona Zulmira, 13/11/2017, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Um momento marcante dessa luta, lembrado por Dona Zulmira, foi quando ela e o esposo participaram de uma manifestação pela desapropriação da fazenda Campininha no município de Mogi Guaçu/

SP. Era uma fazenda experimental de mais de 3.000 hectares pertencente ao governo do estado de São Paulo. Segundo Dona Zulmira, a manifestação foi organizada pelo MST da região de Sumaré/SP.

Dona Zulmira entrou na luta pela terra por meio do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Na época em que ficou acampada em Sumaré chegou a participar de uma marcha de 9 dias com destino a São Paulo. Essa viagem mostra as múltiplas estratégias dessas famílias, que buscam no acesso à terra a reprodução social enquanto camponês e agricultor familiar.

Ao analisar a história do MST e da política de reforma agrária no Brasil, Carter (2009) discute a importância das estratégias dos movimentos sociais de luta pela terra. Nesse sentido, as marchas são entendidas como “um ato de protesto, motivado por sentimento de solidariedade e a mística nutrida por um sentido de sacrifício comum” (CARTER, 2009, p. 36).

Quando foi em maio, abril, tinha uns 2 anos que estávamos lá e foi quando nós fizemos uma marcha para São Paulo a pé. Ficamos 9 dias. No início foi muito difícil, nós saímos de Promissão e fomos de trem até Limeira, aí nós fomos de caminhão, de carona em um caminhão de boi para divulgar a luta e tentar conseguir um pedaço de terra. Nós dormíamos em estrada e saíamos às 5 horas da manhã para pegar as crianças, as pessoas que podiam ter algum problema e os idosos, aí a gente revezava e descansava um pouco. Mas nós fomos. Quando chegou [...], até Jundiá foi muito difícil para nós, a gente comia embaixo das árvores, os companheiros nossos que estavam assentados em Sumaré que faziam comida para nós. Nossa comida era arroz, feijão, carne com abóbora e quiabo, esse era o nosso almoço. Quando chegamos em Jundiá nós fomos muito bem recebidos pelos colegas padres, tínhamos muito apoio da Igreja, da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e do padre Janski

que era muito companheiro nosso. A Igreja Católica apoiou bastante a nossa luta. Ai, depois chegamos até São Paulo, dormimos lá, foi um grupo nosso que tinha uma comissão, coordenador né. Tinha uma organização fora de série (Dona Zulmira, 13/11/17, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Ao longo da entrevista, Dona Zulmira falou sobre o apoio recebido da Igreja Católica na época e ressalta o papel que o MST, enquanto movimento social, teve na formação de sua trajetória enquanto mulher e sem-terra. Em seu depoimento, o MST é retratado como uma entidade organizada e articulada no que diz respeito às formas de mobilização e estratégias de luta utilizadas no campo.

Eles faziam muita pesquisa sobre as terras na época, eles são uma entidade muito organizada e muito forte, eu aprendi muito e ganhei conhecimento. Foi um aprendizado muito grande e trago comigo até hoje, tento passar essa experiência para frente porque me encorajou, me ensinou bastante, aprendi bastante, me valorizei bastante enquanto pessoa e trabalhadora (Dona Zulmira, 13/11/17, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Dona Zulmira soube das terras a serem desapropriadas em Araraquara (SP) através do MST, que articulou a luta, traçou as estratégias e organizou as famílias. Das 350 famílias, 150 ficaram acampadas na Fazenda Reunidas em Promissão (SP). No entanto, vieram 39 famílias do grupo de Promissão para Araraquara, porém 10 dessas foram embora.

Desde o início no Bela Vista, Dona Zulmira é vista como uma das lideranças no assentamento, tendo em vista que participou de inúmeras comissões, de mulheres, de jovens e de saúde que inclusive gerou o PSF (Programa de Saúde da Família). Esteve presente em várias conquistas para o assentamento. Também atuou na CPT (Comissão

Pastoral da Terra), auxiliando as famílias que enfrentavam dificuldades para se adaptarem a esse novo modo de vida. Participou das comissões do Orçamento Participativo Municipal.

Ao ser questionada sobre essas organizações, Dona Zulmira ressaltou a importância da participação, pois através dessas comissões, as famílias conseguiram trazer energia elétrica, transportes, estradas além de outras conquistas para o assentamento. Atualmente participa de uma organização social (Centro Comunitário) e é delegada da Comissão Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável.

Percebe-se, na fala da entrevistada, que a representação da terra é bem forte em sua vida, pois ela é encarada como um bem abençoado e divino, atrelado à dimensão do sagrado. Vir morar no assentamento foi a melhor coisa que aconteceu na vida de Dona Zulmira, pois, ao ser questionada sobre a vida no assentamento, ela então respondeu: “É ótimo, viver aqui para mim é tudo. É tudo de bom, porque aqui nós temos tudo e nunca vamos passar fome. Tenho meus filhos tudo com saúde, estão todos trabalhando, são muito educados, muito trabalhador” (Dona Zulmira, 13/11/17, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Uma das marcas do grupo de Promissão (SP) é a passagem pelo acampamento (ROSIM, 1997; SILVA, 2004). Dona Zulmira considera a passagem pelo acampamento como uma experiência significativa da luta, aprendizado, valorização e esforço coletivo. A passagem pelo acampamento foi um momento decisivo na luta pela terra. Trata-se de uma assentada pioneira, que nunca se submeteu a tutela do marido.

DONA MARIA SOLANGE – BELA VISTA DO CHIBARRO (GRUPO DO VALE DO RIBEIRA/SP): O ASSENTAMENTO COMO TERRA PROMETIDA

Dona Maria Solange, 70 anos, pernambucana, natural de Caetés/PE, mora no assentamento há 28 anos, chegou na terra em 20/04/1989. Antes de entrar no processo de luta pela terra viveu durante 6 anos em Sete Barras, na região do Vale do Ribeira/SP. Dona Maria, seu esposo e os dois filhos viviam

na cidade de São Paulo. Na época, ela trabalhava como costureira e seu esposo como vigilante. Após anos vivendo em São Paulo, os dois tinham um sonho de ter a própria terra. Então o marido juntou um dinheiro de acertos trabalhistas e investiu na compra de uma terra na região do Vale do Ribeira/SP. Depois que seu esposo comprou a terra, Dona Maria saiu do emprego e mudou-se com os filhos de São Paulo para Sete Barras/SP, município situado no Vale do Ribeira. Um tempo depois de ter chegado ao Vale, descobriram que haviam sido enganados, pois as terras adquiridas eram griladas e estavam para ser regulamentadas como reserva ambiental do governo do Estado de São Paulo.

Foi o meu marido que descobriu essa aventura maligna. Foi através de um amigo dele, eles foram lá e compraram. Naquele tempo ele tinha 4 ou 5 anos de uma firma que ele ganhava bem, rapaz, ele pegou tudo os direitos dele e investiu nessa terra. Já estava denunciado, mas a justiça é lenta que uma beleza. O cara vendeu para o meu marido e mais 3 pessoas que foram junto com meu marido e quase que pega o Seu Zé, esse que falei que veio morar aqui também. Quase que ele pega uma grana desse outro coitado também. Ai, quando nós descobrimos que era aquela bucha já estávamos lá dentro e tinha destruído toda minha casa em São Paulo. Eu tinha uma casa que era uma gracinha em São Paulo, destruí tudo, já estava lá dentro mesmo, agora era partir para a briga grilada (Dona Maria Solange, 13/11/17, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Ela e o marido foram posseiros na época e descrevem o Vale do Ribeira paulista como um cenário de pobreza e miséria. Dona Maria lembra que passou por muitas dificuldades na época, tendo em vista que havia perdido todo o dinheiro na compra da terra irregular e não podia fazer a sua roça para ter alimentos, devido à área tratar-se de uma reserva ambiental do governo de São Paulo.

Antes de ser assentada na reforma agrária, Dona Maria passou por momentos de perigo e insegurança no Vale, lutou contra o poder dos madeireiros e carvoeiros denunciando a exploração ilegal de madeira na área. No decorrer da entrevista, percebe-se que Dona Maria rebelou-se contra a situação de pobreza e miséria vivenciada no Vale e viu na luta pela terra uma esperança de melhoria de vida para sua família, pois sempre almejou viver na terra e da terra.

Dona Maria foi uma liderança na época. Conseguiu organizar e articular a luta com mais 18 famílias de posseiros no Vale do Ribeira. Participou de reuniões no INCRA e no extinto DAF (Departamentos de Assuntos Fundiários). Veio junto com 18 famílias do Vale do Ribeira para Araraquara. A luta foi feita a partir da articulação do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araraquara e Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP). Segundo os relatos de Dona Maria, o grupo do Vale do Ribeira se organizou na luta após receber a notícia de que seria despejado pelo Estado.

Dona Maria passou por muito sofrimento, sua história expressa amor à roça e ela sempre viu o assentamento como uma terra prometida. Em uma das passagens da entrevista, Dona Maria conta sobre um sonho que teve de estar numa terra que depois se materializou no assentamento. O extenso relato dela sobre esse caso é o que segue:

Esse lugar aqui foi Deus que me deu. [...] vocês podem não acreditar, mas é verdade. Quando nós morávamos em São Paulo nisso eu tive um sonho. Eu viajava todo mês de São Paulo até Ibitinga para comprar roupas para vender, então eu passava em Araraquara todo mês porque era caminho. Quando eu passava em Araraquara eu falava: - “Ô cidadezinha feia e esquisita”. Porque era aquele buraco cheio de mato, não era limpinho como está hoje, tudo bonitinho. Foi logo quando começou a rodoviária [...]. Ai, um dia eu tive um sonho, que eu estava num canto, era uma fazenda. Ai no sonho, uma

mulher falava para mim assim: - “Olha, está vendo aquele pé de Unha de Gato ali. Olha para lá e para todo canto”. E eu olhava, e via aquele monte de terra, era a coisa mais linda do mundo. Aí, essa mesma mulher falava: - “Você vai vir morar aqui nessa fazenda. E uma coisa, nunca caia na besteira de querer voltar para trás, porque é daqui para frente”. Eu acordei e meu marido falou assim: - “O que é que foi que você está me falando que é daqui para frente” [...] Aí passa o tempo. Quando chegamos aqui, um dia andamos até lá em cima, no Robertinho da caixa-d’água. Vocês não sabem o que aconteceu: eu me esbarrei num pé de Unha de Gato! Na hora, aquilo veio assim como um reflexo. Sabe quando você conhece um lugar que você já passou? Eu olhei e falei: - “Deus, o que é isso”! Lá dá para ver tudo, a cidade e você vê tudo aqui. Na hora não teve outra, eu sentei e chorei, mas chorei mesmo. Aí, o Barbosa falou pra mim assim: - “Tá endoidando mulher?” E falei: - “Barbosa, você lembra daquele sonho que disse que queria voltar para a terra?”. Ele falou: - “Lembro, mas o que tem a ver com isso”. Aí, falei para ele: - “Dá uma olhada nessa Unha de Gato, agora olha para os lados”. Eu falei que era o lugar do sonho. Então, para mim esse lugar é a minha terra prometida. (Dona Maria Solange, 13/11/17, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

SR. JOÃO SILVA – BELA VISTA DO CHIBARRO (GRUPO DE PROMISSÃO/SP): A FUGA DA POBREZA DE UM NORDESTINO

Sr. João, 73 anos, é nordestino, nascido em Brumado, no estado da Bahia. Filho de agricultores, cresceu numa família pobre com 10 irmãos, sendo 5 homens e 5 mulheres. Sempre viveu no campo, saiu do estado da Bahia com 16 anos em busca de novas oportunidades para melhorar de vida.

Eu nasci numa família muito pobre,

em um lugar fraco, bem fraco de tudo [...] Nós éramos em 10 irmãos, eram 5 mulheres e 5 homens. Inclusive eu tenho um irmão que não conheci, ele era mais velho e se alongou por aí... Todo nordestino não tinha condição de viver no lugar que nasceu. Meu pai e minha mãe até queria que nós ficassemos com eles, mas não tinha jeito, eles não nos seguravam porque não tinha condições de ficar por lá. Era uma vida muito sofrida, muito difícil a nossa vida. Era uma vida muito judiada, nós passávamos por muitas dificuldades (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Sr. João migrou sozinho para São Paulo para fugir da pobreza e conseguir um pedaço de terra para viver uma vida mais digna com sua família. Seu primeiro destino foi Junqueirópolis, município localizado no extremo oeste paulista, na região de Presidente Prudente/SP. Morou lá durante 3 anos, no período de 1963 a 1966, trabalhando como peão em algumas fazendas da região. Após se sentir explorado e desvalorizado no trabalho, Sr. João tentou reconstruir a vida em outros lugares. Migrou por diversos estados brasileiros, passou por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná até chegar em São Paulo novamente.

A passagem pelo estado do Paraná foi longa, lá casou-se aos 29 anos, teve três filhos e reencontrou uma irmã que não via há um tempo. Também, foi no Paraná que ouviu falar pela primeira vez em reforma agrária. Lá, escutou pelo programa de rádio “A Voz do Brasil” sobre a desapropriação da Usina Tamoio na época.

Mexia com agricultura, sempre trabalhei com agricultura. Só com agricultura, nunca fiz outra coisa, sempre era com trabalho rural. Em 1966 nós fomos para o Paraná, eu e mais uma irmã. Fomos primeiro para Mariluz, depois fomos para Umuarama. De Umuarama eu mudei para Iporã. De Iporã eu mudei para o

Alto Piquiri. Tudo no estado do Paraná. Do alto Piquiri morei em Cascavel por 7 anos. De Cascavel eu voltei para trás, morei em Formosa do Oeste. De Formosa do Oeste eu mudei para Jesuíta. De Jesuíta eu voltei para o estado de São Paulo, eu vim para Limeira (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Depois da passagem pelo Paraná, Sr. João retornou com a sua família para Limeira, município localizado no interior do estado de São Paulo. Chegando em Limeira, adquiriu uma casa com o dinheiro juntado ao longo dos anos de trabalho e reconstruiu sua vida novamente. Em Limeira trabalhou durante 6 anos como cortador de cana numa usina. Insatisfeito com o trabalho e com as condições de vida ingressou no movimento de luta pela terra como uma oportunidade de mudança de vida.

Seu João entrou no movimento na década de 1980. O grupo em Limeira era composto por 80 famílias da região. A luta foi inicialmente articulada pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tanabi/SP. Após traçarem as estratégias de luta o grupo saiu de Limeira para acampar na beira de uma rodovia em Cardoso/SP. Ficaram acampados durante 1 ano com o objetivo de conseguir a desapropriação de terras irregulares pertencentes à família Junqueira. Os Junqueira eram uma família tradicional no contexto dos latifundiários daquela região.

No período do acampamento, Sr. João esteve a maior parte do tempo em Limeira com a família. Apoiou e acompanhou o movimento, mas não pode estar presente no acampamento por motivos pessoais, pois tinha que ajudar a manter a família que estava na cidade, além do trabalho na usina.

Eu não fiquei o tempo todo lá, eu ia e depois voltava para Limeira. Não podia ficar direto lá porque tinha que trabalhar e ajudar a minha família. Pagava prestação em Limeira, tinha minha casa por lá. Então, eu não podia

ficar lá, pois tinha que trabalhar na usina e ela não me mandava embora (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Além de ser gratificante, a luta pela terra é descrita como um período de muito sofrimento pois tinham que lidar com as humilhações da população que não compreendia o movimento. Sob as ameaças dos jagunços e as tentativas de despejos dos acampamentos.

Quem ficou lá passou por muita coisa, sofreu demais. Eu também estava junto, foi muito difícil aquele momento. Nós estávamos acampados no eixo dos latifundiários, dos grandes latifundiários que era o Junqueira né. O Junqueira tinha muitas terras por aqueles lados. No estado de São Paulo os Junqueira são uma família bem tradicional. Quando estávamos no acampamento eles chegavam ameaçando a gente, os latifundiários mandavam um bando de jagunços ir ameaçar a gente, para tentar nos tirar das terras. Eles mandavam os jagunços, mas não saímos. Eu só pensava que eles podiam estar lá com a gente, do nosso lado, já que eles não tinham terra também. Eles tinham que lutar do nosso lado, mas estavam do lado dos latifundiários. Eles tinham que estar do nosso lado, se fossem para o lado dos latifundiários não iam conseguir nada (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Depois de 1 ano acampadas em Cardoso, as famílias retornaram à Limeira e continuaram lutando. Mantiveram a articulação com a igreja e o movimento social fazendo reuniões semanais para traçar a organização da luta e verificar novas áreas para ocupar. A partir das ações do MST o grupo soube das terras e do acampamento na fazenda Reunidas em Promissão/SP.

O grupo se organizou e seguiu com destino à

Promissão para juntar-se às demais famílias que já estavam na área. A fazenda Reunidas possuía mais de 17 mil hectares e pertencia à família do João Ribas. De acordo com o relato do Sr. João, o acampamento em Promissão chegou a acomodar famílias de Campinas, Sumaré, Aguaí, Indaiatuba, Americana, Limeira e outras cidades da região. Nesse período, as famílias passaram por momentos arriscados. Muitas vezes receberam ordem de despejo, enfrentaram a força dos jagunços e da polícia, mas com o apoio do MST e da CPT permaneceram lutando para conquistar um pedaço de terra.

Em 1986, a fazenda foi considerada como latifúndio improdutivo e desapropriada pelo governo federal para fins de reforma agrária. No mesmo ano, 44 famílias que estavam acampadas na BR 153 foram assentadas na fazenda Reunidas em Promissão. Em 1988, 607 famílias provenientes de 16 municípios da região foram assentadas na área (SILVA, 2004).

Assim, como evidenciado na narrativa de Dona Zulmira, a ida das famílias de Limeira a São Paulo a pé, para participarem de uma manifestação é destacada como um acontecimento importante desse período. A coragem, a persistência e a determinação dessas famílias são contadas com muito orgulho por Sr. João. Mesmo não tendo conseguido completar a marcha, esse momento é bem valorizado pelo entrevistado.

No momento que partimos de Promissão e voltando para Limeira, só ficou uma pessoa lá para tomar conta dos barracos lá, era tudo barraco de lona de plástico. Aí, viemos de lá para São José do Rio Preto, de Rio Preto nós fomos para Limeira, de Limeira nós fomos a pé para São Paulo participar de uma marcha. Eu não consegui chegar em São Paulo porque tinha asma, fui andando e a friagem me impediu e não aguentei ir até o fim. Eu não consegui chegar em São Paulo, antes de Campinas eu voltei porque fiquei doente. Eles chegaram

em São Paulo e falaram para mim que a passeata teve uma faixa de umas 200 pessoas (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Depois da experiência do grupo em Promissão, Sr. João permaneceu por um tempo em Limeira com a sua família. Nesse intervalo, algumas famílias foram sendo assentadas e o Sr. João foi desanimando, mas nunca perdeu a esperança de conquistar o seu pedaço de terra. Ao se reunir com alguns amigos na época, Seu João lembrou de uma reportagem que ouviu pelo rádio quando ainda estava no Paraná, sobre a desapropriação da Tamoio. Depois de discutirem a possibilidade de conquistar terras na Tamoio, o grupo se organizou, entrou em contato com o sindicato e foram para Araraquara. No entanto, o grupo de famílias não tiveram uma boa recepção quando chegou em Araraquara. Inicialmente, houve diversos conflitos entre as famílias e o sindicato e com as famílias já assentadas no Bela Vista. Conforme relatado na entrevista, o grupo não teve o apoio total do sindicato para entrar no assentamento.

Primeiro eu vim sozinho e deixei a família lá em Limeira. Aí, nós partimos de Limeira e viemos para a sede da Tamoio. Tinha uma colônia lá, nós entramos nessa colônia. Com 3 dias que estávamos na colônia o Élio Neves, presidente do sindicato, chegou e falou que não podíamos ficar lá, que viria a tropa de choque para tirar a gente. Falou que não íamos aguentar, que tínhamos que sair de lá. Aí, eu falei: - “Não, nós viemos aqui para lutar mesmo. Mesmo que nos tire a força, não vamos desistir. Nós vamos ficar e seja o que Deus quiser”. Mesmo que eles entrassem para retirar a gente, nós íamos ficar na nossa, porque eles não tinham direito de atacar a gente. Lutar é um direito que nós temos e ninguém pode tirar. A fazenda já estava toda desapropriada, então tínhamos direito de lutar por ela. Queria entender porque

saiu um pedaço e não saiu o resto. Mas, apesar de tudo isso, eu não desisti. Fomos lá para o Chibarro, fomos para aquele buraco lá (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Antes de ser assentado no Bela Vista, Sr. João passou por diversos constrangimentos. Chegou a ser intimidado por pessoas ligadas ao sindicato, por funcionários do Estado Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e ameaçado até mesmo pelos próprios assentados. Teve uma trajetória muito difícil para conseguir a terra. Entre os múltiplos obstáculos encontrados, destaca-se a ação de uma funcionária do INCRA, que se negou a fazer o cadastro do Seu José na época, simplesmente por ele estar na condição de acampado e pelo grupo ter ligação com o MST.

Aí, o cara do INCRA veio fazer o cadastro mandou uma mulher fazer o cadastro. Ela era daqui de Araraquara mesmo, trabalhava no ITESP. Todo mundo fazendo cadastro, aí cheguei e ela olhou para mim e disse: - “Escuta, o senhor não fazia parte daquele pessoal do Chibarro que estava acampado ali”. Falei: - “Sim, sou eu mesmo”. Aí, ela falou: - “O senhor é o Seu João, né?”. Ela meio que sabia da gente, porque o cara do sindicato já tinha informado eles. Aí, ela falou que não ia fazer o meu cadastro e falou: - “Você pega o resto daquelas pessoas e vai para a pista, vai fazer passeata em Araraquara, porque não tem terra para vocês aqui mais”. Tá bom! Ela fez o cadastro de todo mundo e eu fiquei lá numa cadeira esperando. Eu não sei de onde tirava tanta força, só Deus mesmo. Essa mulher minha, essa grande companheira que tenho, estava em Limeira com os meus 4 filhos e eu não podia dar para ela uma cabeça de alho. Só lutando mesmo, era muito tempo perdido. E a crítica crescia, falavam que eu ia tomar bala na cabeça, tomar bala no peito, que eu ia ser preso. Que

ninguém ia dar terra de graça para gente. Tinha que ter muita vontade e querer muito, porque só por Deus. Acabou de fazer o cadastro do pessoal, ela levantou porque estava quase na hora do almoço. Aí, fui até ela e perguntei: - “Oi, você vai fazer o cadastro para mim ou não vai”. Ela falou: - “Não vou fazer! Já te disse que não vou fazer. Não adianta perder tempo porque eu não vou fazer”. Aí, falei: - “Calma. Calma. Hoje eu não vou, mas amanhã mais ou menos ao meio dia eu chegarei no INCRA em São Paulo para fazer o meu cadastro. Eu vou, você sabe que eu conheço onde é o INCRA lá. Você vai arrumar o carro para eu ir lá ou não?” Ela disse: - “Deus me livre!”. Aí, falei: - “Eu vou! Eu vou fazer o cadastro lá. Vou chegar e falar que você não quis fazer o cadastro para mim. Eles vão saber do motivo”. Ela ainda disse: - “Eu vou fazer esse cadastro. Você não vai pegar terra aqui”. (Sr. João Silva, 30/01/18, Assentamento Bela Vista do Chibarro).

Houve diversos impasses em relação à entrada e permanência do grupo de Promissão no assentamento Bela Vista. Algumas famílias não os viam com bons olhos e eram julgados como baderneiros e invasores.

Apesar desses obstáculos, o grupo utilizou múltiplas estratégias para permanecer na terra. Fez passeatas e um abaixo-assinado para ficar no assentamento. Mas, a descoberta de 11 lotes abandonados por famílias que estavam morando e trabalhando na cidade foi um ponto crucial para essas famílias. Por meio disso, puderam se cadastrar e se beneficiar da política de reforma agrária, conquistando um pedaço de terra para viver.

A família é retratada como um estímulo de força e de coragem para lutar por uma vida melhor. A terra é o ponto crucial em sua história de vida, é o que baliza a sua trajetória. A participação no movimento de luta pela terra revelou essa vontade de reestabelecer os laços com a terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propõe-se compreender as dimensões da luta pela terra e na terra por meio da trajetória de sujeitos assentados nos lotes de projetos de reforma agrária. Por meio da pesquisa com fontes orais (entrevistas), buscamos contextualizar a luta pela e na terra num território dominado pelo agronegócio e pelos constrangimentos das Redes Agroindustriais.

O amor pela terra e pelo trabalho na roça apareceram como pontos importantes nas narrativas dos informantes. A valorização de organizações mediadoras da luta pela terra como o MST e o Sindicato de Trabalhadores Rurais também são evidenciadas como importantes na trajetória desses sujeitos. A construção da luta por essas organizações é tida como um espaço de aprendizagem. Momentos de ruptura, dificuldades e entraves marcam as trajetórias dessas famílias. Nas entrevistas são narrados cenários da pobreza e de dificuldades, marcados pela falta de recursos. Apesar disso, vemos que os momentos de ruptura presentes na trajetória das famílias assentadas não destruíram o vínculo com a terra.

O trabalho justifica-se pela necessidade de entender a complexidade de trajetórias de homens e mulheres que decidiram participar do movimento social de luta pela terra. O início da vida no assentamento é descrito pelos entrevistados e entrevistadas como um período difícil, marcado por muitos obstáculos em relação à infraestrutura, transporte, renda e indisponibilidade de recursos. Podemos dizer que a adaptação a esse espaço é um desdobramento da luta pela terra. É continuidade de uma luta que não termina com a entrada no lote. Coragem, persistência e determinação são elementos que balizam as trajetórias dessas famílias assentadas. A luta pela terra e a luta na terra são expressões da trama de tensões que se faz presente nas trajetórias dos assentamentos no território de Araraquara.

A partir das narrativas construídas sobre as dimensões da vida num projeto de reforma agrária, optamos por compreender o desenvolvimento

enquanto condição de liberdade (SEN, 2010), na medida em que, ao pensar a questão do desenvolvimento, é necessário considerar variáveis como justiça, qualidade de vida e bem-estar social. A partir dos depoimentos apresentados foi possível verificar tal aspecto na percepção das pessoas que, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, não voltariam atrás na decisão de lutar por uma vida nas terras de um assentamento rural. Apesar dos bloqueios enfrentados, da pouca eficácia constatada pelas dificuldades de se pôr em ação programas públicos de inclusão produtiva, dos entraves que barram a dinâmica do associativismo, da continuidade do assédio sob diferentes formas dos complexos agroindustriais, há uma perspectiva de expansão das liberdades que leva homens e mulheres assentadas a não querer deixar o seu pedaço de terra.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade. Lembrança de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

CARTER, Miguel. **Desigualdade social, democracia e reforma agrária no Brasil**. In: CARTER, Miguel. **Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil/ Miguel Carter (org.)**; [tradução de Cristina Yamagami]. – São Paulo: Editora UNESP, 2009. 564p.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Acampamento América Rodrigues da Silva. Esperanças e delusões na memória dos caminhantes que lutam pela terra. Dourados: Fundo de Investimentos Culturais de MS; Dinâmica**, 2006.

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. **Convergencia, Toluca**, v. 14, n. 44, p. 15-

40, agosto 2007. Disponível em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405. Acesso em: 11/11/2017

MANCUSO, Maria Inês Rauter. **A cidade na memória de seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itirapina e São Carlos**. São Paulo, 1998. 241 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'". In: VON SIMSON, Olga Moraes. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice; Revistas dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

ROSIM, L. H. **Nas terras da Usina: o fazer-se de um assentamento**. Araraquara, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1997.

SARABIA, Barnabé. **Historias de vida. Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, 29/85. pp 165-186. Disponível em <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_029_08.pdf>. Acesso em 11/11/2017.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra. Experiência e memória**. 1. ed. São Paulo: Edunesp, 2004. v. 1. 135 p.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Assentamento Bela Vista, a peleja para ficar na terra**. In: MARTINS, José de Souza. **Travessias. A vivência da reforma agrária nos assentamentos**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009, p. 107 – 158.